LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO NA ÁREA DA LAGOA XAMBRÊ, MUNICÍPIO DE ALTÔNIA, PARANÁ*

Francisco S. Noelli

Professor e Pesquisador Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá (LAEE-UEM).

Éder S. Novak

Professor, Estagiário do LAEE-UEM.

Andreas L. Doeswijk

Professor de História da Universidade Nacional do COMAHUE, Neuquén, Argentina.

A localização de sítios arqueológicos pode resultar de uma pesquisa desenvolvida sem o auxílio de terceiros, através de várias técnicas de levantamento em áreas previamente definidas. Todavia, sempre que possível, busca-se o contato com os moradores da região da pesquisa, tanto para obter informações, quanto para tornar conhecidos os propósitos do trabalho e da necessidade da valorização e preservação do patrimônio arqueológico. Esse contato geralmente revela um rico conhecimento local e contribui para novos registros de sítios. A partir desta perspectiva, iniciamos no ano 2001 uma pesquisa de história oral relativa ao passado indígena na área do município de Altônia, estado do Paraná, com a distribuição de 330 questionários entre moradores das zonas rural e urbana. Como resultado preliminar localizamos 17 novos sítios arqueológicos e tivemos 8 informações ainda não confirmadas, revelando o grande potencial para pesquisas na região. Também coletamos inúmeras informações úteis para revelar o conhecimento local referente ao passado indígena e aos sítios arqueológicos.

Palavras-chave: Arqueologia, História Oral, Levantamento Arqueológico.

Archeological survey of the Xambrê Lake Area, Altônia, Paraná, Brazil. Localization of archeological sites may occur unmediated through the use of various survey techniques in previously defined areas. However, contact with locals, when possible, is made to obtain further information and to impart the aims of current research and the need preserve an archeological heritage. Dialogue with the inhabitants displays a rich knowledge of the area and contributes towards further site registers. With such aims in mind, the authors led a research, involving oral history, on the Amerindian past in the municipality of Altônia, PR Brazil. Some 330 questionnaires were given to the town and rural inhabitants during 2001. Since their answer resulted in the localization of 17 new archeological sites, coupled to 8 non-confirmed reports, the archeological potential of the area has been sufficiently revealed. Other useful information has been collected which reveals local knowledge on the Amerindian past of the area and its archeological sites.

Keywords: Archeology, Oral History, Archeological Survey.

* Trabalho apresentado no 8º Encontro Regional da ANPUH-PR, realizado em Curitiba, 2002. Os autores agradecem aos moradores de Altônia pela atenção e prestativa colaboração durante as entrevistas e visitas em suas propriedades. Também agradecem aos Profs. Drs. Lúcio Tadeu Mota, do Departamento de História e LAEE-UEM, pela parceria em campo, e Marcos Rafael Nanni, do Departamento de Agronomia da UEM, pela confecção da Figura 1.

Em uma série de orientações ou conselhos destinados à pesquisa de campo, o arqueólogo Frederick W. Lange (1995) menciona, em primeiro lugar, a interação entre o arqueólogo e a população local: *"La participación comunitaria es clave en la lucha para la protección del patrimonio cultural"*. Isso, longe de ser uma questão banal, resulta de primeiríssima importância para o trabalho de campo do etno-historiador, antropólogo ou do arqueólogo por dois motivos diferentes. Primeiro, a população das áreas onde existe a possibilidade de encontrar sítios arqueológicos pode indicar os lugares onde se encontram vestígios de sociedades passadas, seja na superfície ou em camadas mais profundas do terreno. Em geral, os agricultores conhecem bem tudo aquilo que se encontra na sua propriedade (e na dos vizinhos), se bem que nem sempre conhecem o valor cultural dos objetos que ocorrem no seu habitat. Nesse sentido, o contato com a população visa à localização e, eventualmente, a preservação dos sítios arqueológicos. Isto pode significar economia de tempo, esforços e dinheiro consideráveis no início de uma pesquisa regional que deverá, necessariamente, ser seguida por outros levantamentos sistemáticos para cumprir as etapas obrigatórias ao reconhecimento minucioso da área, pois nem sempre os moradores têm notícias de todos os tipos de vestígios materiais que ocorrem onde eles vivem.

Há um segundo motivo pelo qual consideramos necessário e relevante o contato com os habitantes de uma região: é o trabalho de conscientização e troca de experiências que os arqueólogos podem realizar em parceria com a população local. Os moradores e suas famílias, mediante a interação com os pesquisadores, podem chegar à compreensão que os "cacos" ou, no melhor dos casos, os restos materiais diversos, constituem na realidade um legado precioso das sociedades humanas. Eventualmente, os moradores podem descender dos antigos ocupantes dos sítios arqueológicos.

Para estabelecer esse contato com a população local é recomendável – como foi o caso da pesquisa em Altônia – estabelecer

contatos com as lideranças locais, sejam elas políticas, comunitárias ou tradicionais. É dizer, com as autoridades oriundas das próprias comunidades da região onde estão os sítios ou, em alguns casos, no raio da sua influência. Nosso trabalho estabeleceu contato com nada menos que 35 comunidades religiosas, 26 delas localizadas nas "águas" da zona rural, totalizando cerca de 19.000 habitantes. Assim o pesquisador não chega à região como um extraterrestre, mas como um profissional, previamente aceito por parte da população, que se encarregará de divulgar sua presença no local.

O caráter das entrevistas deve ser definido como uma relação dialógica onde o *"encontro entre pesquisadores e entrevistados resulta um trabalho conjunto, em que aquele que ouve e aquele que relata têm o mesmo valor"* (Portelli, 2001:9). Enquanto o morador pode indicar os prováveis sítios arqueológicos o pesquisador explica a sua natureza, significado e valor. Nem sempre será necessário gravar as entrevistas, ainda que seja recomendável levar sempre a caderneta de campo como na velha tradição antropológica. Câmeras fotográficas, mapas e outros equipamentos podem ficar para outros momentos, na medida em que os entrevistados tenham familiaridade com o pesquisador.

Na entrevista o protagonista principal será o habitante do lugar. Trata-se de um "monólogo assistido" onde o morador é o ator principal e o entrevistador apenas o roteirista, diretor e fotógrafo. O pesquisador não deve amedrontar o morador com o seu conhecimento, apresentando-se com uma atitude modesta e fornecer apenas as explicações que resultam do interesse da população local. Quer dizer, deve respeitar os códigos culturais dos entrevistados, sem assumir ares de superioridade ou fazer "visitas de médico". Uma questão de extrema importância – e que forma parte também do trabalho de conscientização que falamos – é a do "retorno" à comunidade dos serviços prestados em forma de exposições do material coletado, em publicações didáticas, no estabelecimento de instituições de ensino, museus e centros comunitários; seminários ou mini-cursos sobre, por exemplo, tradições ceramistas indígenas, etc.

A nosso ver, o trabalho de envolvimento da comunidade local no processo de pesquisa, corresponde àquilo que o sociólogo francês Michel Thiollent (1998:14) definiu uma vez – e com rara felicidade – como "pesquisa-ação":

> "É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo" (Thiollent, 1998:14).

A ênfase nesse tipo de método está em palavras como associação, ação, coletivo e cooperativo. A "ação" pode-se referir à localização dos sítios e o "problema", à busca de uma solução satisfatória para a preservação dos mesmos, junto com a conscientização da população durante a pesquisa. Na pesquisa-ação (Thiollent, 1985) as questões são formuladas não só para obter informações positivas sobre, por exemplo, os locais dos sítios arqueológicos, mas também, para induzir aos entrevistados à reflexão sobre o significado e importância dos mesmos.[1]

O trabalho realizado em Altônia, noroeste paranaense, entre 2001 e 2002, procurou começar a envolver a comunidade no processo de pesquisa. Com efeito, o método das entrevistas orais com os agricultores, as autoridades locais e as comunidades religiosas de base localizadas nas capelas das águas, começou a criar na população uma nova compreensão sobre a existência e o valor dos sítios arqueológicos. Por sua parte, os residentes das águas de Altônia mostraram um certo conhecimento sobre a presença de vestígios arqueológicos, pois a maioria das indicações foi positiva, acrescentando 14 novos sítios arqueológicos e 8 indicações a serem confirmadas, aos 4 sítios registrados e pesquisados anteriormente (Tabela 1).

---

[1] Curiosamente, Thiollent (1985) cita a Karl Marx como um dos pioneiros desse método, através da sua Enquete Operária de 1880! As 101 perguntas formuladas foram elaboradas tanto para obter uma informação objetiva sobre a condição da classe operária na França, quanto (e em primeiro lugar) para fazer os trabalhadores refletirem sobre o caráter da sua situação de explorados.

Para ilustrar o impacto da pesquisa-ação, serve o fato que a arqueologia começou a fazer parte da vida social de parte dos moradores: a constatação da presença de evidências de povos indígenas na região começou a ser alvo de comentários e opiniões numa clara demonstração que uma abordagem desse tipo estreita os vínculos entre a comunidade científica e a sociedade regional.

Foram testadas duas estratégias. Na primeira etapa, a abordagem visava o trabalho em localidades específicas, escolhidas aleatoriamente no mapa municipal, para fazer visitas e entrevistas. Esta estratégia revelou-se muito lenta em relação aos recursos disponíveis e ao tempo para gastá-los, pois a zona rural do município é muito extensa. Na segunda, mudou-se a abordagem e a metodologia, visando abranger a maior área possível em curto prazo. Foram distribuídos 330 questionários à população, divididos em cada uma das capelas municipais. O zoneamento fundiário do município resultou em distintas intensidades de contato. Nas áreas rurais com pequenas propriedades, que predominam no município, o contato foi maior, mais fácil e espontâneo, já que na maioria dos casos os moradores residem e/ou trabalham no local. Nas grandes propriedades, não conseguimos acesso, obtendo algumas informações após investigar alguns locais junto aos rios Paraná e Piquiri.

A metodologia de distribuição dos questionários, visando uma amostragem preliminar do município, foi ordenada a partir da organização das comunidades eclesiais de base, que congregam a maioria dos altonienses. Contamos uma paróquia e 35 comunidades de base (CEBs), sendo 26 rurais, 6 urbanas e 3 distritais. Cada comunidade recebeu 10 questionários, em média, destinados a apenas um membro de cada família. Dessa forma, considerando a média de 5 membros por família, mais de 1500 pessoas tiveram acesso direto às questões e aos propósitos da pesquisa. É bastante provável que a rápida difusão das novidades tenham triplicado este número, chegando a 25% da população total, cerca de 4.750 pessoas. Os questionários receberam mais atenção, em razão da Campanha da Fraternidade de 2002 ter como tema central os povos indígenas. Essa coincidência

contribuiu positivamente para o projeto, resultando em uma quantidade de respostas maior que a esperada, bem como revelou um interesse significativo da população sobre as questões indígenas.

Dos 330 questionários distribuídos, 156 foram devolvidos. Destes, 91 forneciam algum tipo de informação, 35 não tinham informação nenhuma e 30 retornaram em branco. Dos 91, 23 indicavam as áreas das lagoas Xambrê e São João como locais de maior ocorrência de sítios arqueológicos, com menos indicações para outras localidades. Outros 21 indicaram objetivamente locais com sítios, dos quais 5 foram confirmados e 8 estão por confirmar (a maioria está próxima das lagoas mencionadas). É provável que essa concentração resulte do conhecimento de pesquisas anteriores realizadas junto da lagoa Xambrê em 1976 e 1996-97, por equipes da UFPR e da UEM. A equipe da UEM realizou em 1996 e 1997 palestras e uma exposição itinerante com os resultados da pesquisa, com grande presença do público na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Lúcia Alves de Oliveira Schoffen e no saguão do Banco do Estado do Paraná. Outros 16 questionários indicam apenas que os moradores ouviram falar de sítios arqueológicos em Altônia, enquanto que 23 ouviram falar e viram fragmentos pelo município, mas sem indicar onde (futuramente tentaremos verificar essas informações). Por fim, 8 questionários responderam sobre sítios localizados em outros municípios e estados brasileiros.

A metodologia utilizada nas pesquisas de campo – primeira etapa – revelou um comportamento local que interagiu espontaneamente com a tarefa do pesquisador. Os moradores conhecem grande parte dos territórios do município, pois não trabalham apenas em sua propriedade – existe o arrendamento de terras e as diárias nas lavouras vizinhas. Além disso, nos encontros de final de semana na capela ou no campo de futebol, são partilhadas as novidades. A partir desses depoimentos, 9 sítios arqueológicos foram indicados e confirmados na área das lagoas Xambrê e São João (figura 1). Informações como a de Santa Campos Cruz; "ali naquela pedreirinha que tinha um cemitério de índios", ou de Djalma Bertechine; "lá naquele cafezinho,

que tem aquela terra plantada"; resultaram na descoberta de vestígios indígenas. Alguns moradores conservavam vasilhas cerâmicas em suas casas, desenterradas durante o cultivo da terra. Este foi o caso de Vera Dirce de Andrade e Luiz Carlos Farias. Os sítios arqueológicos em suas propriedades foram facilmente localizados por meio de suas informações. Outros habitantes levaram a equipe até o local onde havia fragmentos de cerâmica, como o caso da Sra. Elizabete Mosconi Barboza. O sítio do Sr. Farias já havia sido registrado e pesquisado por Igor Chmyz em 1976, que ainda não publicou os resultados da pesquisa (CNSA 26506; sítio PR-XA-01).

O questionário – segunda etapa – também trouxe bons resultados à pesquisa, com a indicação de 12 sítios, dos quais 5 já foram confirmados em campo. As respostas foram simples, mas objetivas; "já encontrei panela na margem do rio Piquirí." (José Moacyr Beltrame); "em um sítio na estrada Paineira nº 388[A], no município de Altônia. Ex: pedaços de cerâmica." (Nivaldo Belanda). Informações como estas, extraídas do questionário, possibilitaram a descoberta de novos sítios arqueológicos, além de obter opiniões das pessoas dos mais diferentes locais do município.

A pesquisa permitiu o contato direto com os moradores, resultando no estabelecimento da relação dialógica mencionada acima. Foi o passo fundamental para despertar a curiosidade e o interesse sobre as questões indígenas e arqueológicas, sobretudo, porque já havia a motivação da Campanha da Fraternidade. Essa relação simétrica resultou no início de um processo de valorização e conscientização do patrimônio arqueológico. Na última visita ao município, vários moradores afirmaram que assuntos como "índios e suas vasilhas" passaram a fazer parte de suas conversas. Isto é um claro indicador das auspiciosas possibilidades para desenvolver um projeto de Arqueologia Pública em Altônia. Os sítios registrados foram classificados como Guarani, relativos aos povos que ocuparam a região a partir de 2 mil anos atrás, até meados do século XVII. A maioria é evidência de antigas aldeias cujo diâmetro médio é de 300 metros, onde eram construídas suas habitações de madeira e palha, cujo

tamanho podia alcançar a extensão de 30 m de comprimento por 12 de largura. Também encontramos evidências de sítios menores, que serviam como áreas de atividades diversas, como locais onde eram lascadas pedras para serem transformadas em ferramentas de trabalho. Seus últimos habitantes certamente tiveram contato com os primeiros europeus que viveram na região, particularmente em Ontiveros (ao lado da atual Guaíra), fundada em 1554 e logo transferida para Ciudad Real, erigida na foz do rio Piquiri em 1557 (figura 1). Os espanhóis vinham atrás de ouro e da mão de obra indígena Guarani que, segundo as fontes coloniais, eram mais de 200 mil pessoas apenas nas imediações de Ciudad Real, incluindo a atual área vizinha de Altônia. Isto significa que ainda existem inúmeros sítios a serem localizados.

Além dos sítios, constatou-se uma realidade de extrema importância para a continuidade do projeto e para o desenvolvimento de

Tabela 1 - Sítios arqueológicos Guarani no município de Altônia.

Sítio	Nome do sítio	Localidade	Fonte/Ano
PR-XA-01	Lagoa Xambrê 1	Estrada Paineira	Pesquisa/1976
PR-AL-01	Córrego Pipoca 1	Estrada Rancho Velho	Pesquisa/1996
PR-AL-02	Porto Yara	Porto Yara	Pesquisa/1996
PR-AL-03	Fazenda Pontal 1	Fazenda Pontal	Pesquisa/1996
PR-AL-04	Córrego Suzana 1	Estrada Paineira	Pesquisa/2001
PR-AL-05	Córrego Suzana 2	Estrada Paineira	Pesquisa/2001
PR-AL-06	Córrego Suzana 3	Estrada Pontal	Pesquisa/2001
PR-AL-07	Córrego Suzana 4	Estrada São Tomé	Pesquisa/2001
PR-AL-08	Córrego da Lagoa 1	Estrada Jacaré	Pesquisa/2001
PR-AL-09	Córrego da Lagoa 2	Estrada Moringa	Pesquisa/2001
PR-AL-10	Ribeirão São João 1	Estrada São Tomé	Pesquisa/2001
PR-AL-11	Ribeirão São João 2	Estrada São Tomé	Pesquisa/2001
PR-AL-12	Lagoa São João 1	Estrada São Tomé	Pesquisa/2001
PR-AL-13	Córrego Pontal 1	Estrada Pontal	Questionário/2002
PR-AL-14	Córrego Pontal 2	Estrada Paineira	Questionário/2002
PR-AL-15	Rancho Velho 1	Estrada Rancho Velho	Questionário/2002
PR-AL-16	Córrego Suzana 5	Estrada São Tomé	Questionário/2002
PR-AL-17	Piquiri 1	Estrada Vítor	Questionário/2002
Indicação 01	Ribeirão São João 3	Estrada São Tomé	Questionário/2002
Indicação 02	Córrego Suzana 6	Estrada Pontal	Questionário/2002
Indicação 03	Córrego da Lagoa 3	Estrada Paineira	Questionário/2002
Indicação 04	Lagoa Xambrê 2	Estrada da Lagoa	Questionário/2002
Indicação 05	Ribeirão do Prado 1	Estrada Mestre	Questionário/2002
Indicação 06	Piquiri 2	Estrada Terra Boa	Questionário/2002
Indicação 07	Córrego Paineira 1	Estrada Tietê	Questionário/2002
Indicação 08	Ribeirão Iporã 1	Fazenda Paineira	Questionário/2002

uma pesquisa-ação eficiente na informação e conscientização dos altonienses: em que pese o fato de os moradores saberem indicar os locais arqueológicos, a grande maioria não tem o conhecimento do significado e o valor dessas evidências. Também se verificou que muitos não sabem qual é o papel do arqueólogo e qual o seu objeto de estudo. Dessa forma, desinformados e sem referências, depredam ignorando as conseqüências dos seus atos para a conservação e futuro do patrimônio arqueológico. Isso impõe o estabelecimento de uma estratégia voltada para informar a comunidade e as autoridades, visando a preservação do patrimônio e a formação de uma consciência que adote os sítios arqueológicos como um bem público cheio de significados sobre a história local.

A Figura 1 mostra uma concentração de sítios em torno das lagoas, enquanto que as demais áreas do município não apresentam informações. Isto é comum em levantamentos baseados apenas em entrevistas. Ainda poderemos encontrar sítios em outras áreas com novas entrevistas, bem como planejar pesquisas de campo nos espaços que atualmente estão em branco no mapa arqueológico de Altônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LANGE, F. W. & MOLINA; M. (Ed.). 1995. *Cultura y naturaleza sin fronteras.* Manágua: Instituto Nicaragüense de Cultura, USDA/Forest Service Southern Region y O E A.

PORTELLI, Alessandro. 2001. História oral como gênero. In: *Projeto História.* (22) São Paulo: Edusc.

THIOLLENT, Michel. 1985. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis.

THIOLLENT, Michel. 1998. *Metodologia da pesquisa-ação.* São Paulo: Cortez.

Figura 1 - Mapa arqueológico do município de Altônia.

